

Artigo de Pesquisa**TOPONÍMIA, LUGAR E CULTURA: A NOMEAÇÃO DOS SERINGAIS DO RIO MACAUÃ EM SENA MADUREIRA - ACRE****Toponymy, place and culture: the naming of rubber along the Macauã River in Sena Madureira municipality - Acre state**

Airton de Mesquita Silva¹, Willian Carboni Viana², Luiz Antonio Pacheco de Queiroz³, Ana Claudia Rocha Campos⁴, Rafaela da Silva de Lima⁵, Eduardo Pinheiro Junior⁶

¹ Instituto Federal do Acre, Rio Branco, Brasil. E-mail. airton.silva@ifac.edu.br

 <https://orcid.org/0000000184910754>

² Instituto Federal do Acre, Sena Madureira, Brasil. E-mail. willian.viana@ifac.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0003-4214-2579>

³ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural, Cachoeira, Brasil. E-mail. luizpachecoq@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3701-1489>

⁴ Instituto Federal do Acre, Sena Madureira, Brasil. E-mail. ana.campos@ifac.edu.br

 <https://orcid.org/0009-000-4325-8261>

⁵ Instituto Federal do Acre, Sena Madureira, Brasil. E-mail. rafaela.lima@ifac.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0003-4326-2898>

⁶ Instituto Federal do Acre, Sena Madureira, Brasil. E-mail. eduardo.junior@ifac.edu.br

 <https://orcid.org/0009-0008-5982-8976>

Recebido em 26/03/2024 e aceito em 22/08/2024

RESUMO: Este estudo teve o objetivo de analisar as denominações toponímicas dos seringais estabelecidos nas margens do rio Macauã, no município de Sena Madureira (Acre), visando compreender os motivos subjacentes às escolhas dos nomes e as tendências nas nomeações dessas localidades. Metodologicamente, os topônimos foram identificados por meio de fontes secundárias, mapeados através de trabalho de campo e analisados em gabinete de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da toponímia extensiva, considerando os seus aspectos motivacionais, a estrutura morfológica e o idioma de origem; caracterizando o estudo de caso. Como resultado, verificou-se a predominância de nomeações de natureza física, associados aos rios da região (hidrotopônimos), seguido de nomes relacionados à religiosidade (hierotopônimos) e outros constituídos por frases ou enunciados linguísticos (dirrematopônimos). Pelos quais, se consolidou um legado cultural tão profundamente enraizado que, mesmo com a substituição dos seringais por fazendas, o nome dos lugares permaneceu imutável, ilustrando a continuidade e a resiliência da identidade local diante das transformações socioeconômicas gerais.

Palavras-chave: Lugar; Hidrotopônimos; Hierotopônimos.

ABSTRACT: this study aimed to analyze the toponymic denominations of rubber plantations established on the banks of the Macauã River, in the municipality of Sena Madureira (Acre), aiming to understand the underlying reasons for the choices of names and the trends in the naming of these locations. Methodologically, the toponyms sourced from secondary materials, mapped during fieldwork, and subsequently analyzed in the office using the theoretical-methodological framework of extensive toponymy. This framework considers their motivational aspects, morphological structure, and language of origin, thereby characterizing the case study. As a result, it was found that there was a predominance of nominations of physical nature, associated with the rivers of the region (hydronyms), followed by names related to religiosity (hieronymy) and others constituted by phrases or linguistic statements (dirrematonyms). Through this, a cultural legacy so deeply rooted consolidated that, even with the replacement of rubber plantations by farms, the names of the places remained unchanged, resulting in the continuity and resilience of identity in the face of socioeconomic transformations.

Keywords: Place; Hydronyms; Hieronymy.

INTRODUÇÃO

A compreensão das dinâmicas relacionadas aos topônimos dos lugares, juntamente com os processos inerentes às suas nomeações, transcende a pura nomenclatura geográfica e abraça elementos linguísticos, culturais e históricos, entrelaçando interpretações dos domínios ramificados da Geografia e da Linguística. A toponímia converte-se em um campo de estudo que investiga a origem, significado e evolução dos nomes dos lugares, revelando a priori as complexas interações entre sociedades humanas e seus ambientes naturais, ao refletir como essas sociedades percebem e nomeiam seu entorno. A posteriori, a toponímia também explora como o espaço se transforma em lugar através da influência e das práticas do corpo social que o habitou (HOLZER, 1997; STANISKI, et al., 2014).

Neste artigo, argumenta-se que as nomeações dos seringais e colocações de uma porção do território do estado do Acre foram fortemente influenciadas pela relação das comunidades locais com o ambiente que as circunda. O objetivo principal deste trabalho é analisar as denominações toponímicas dos seringais situados nas margens do rio Macauã, no município de Sena Madureira (Acre). O estudo busca compreender os motivos subjacentes às escolhas dos nomes desses lugares e identificar as tendências nas nomeações dessas localidades.

As circunstâncias locais da identificação dos lugares foram conhecidas através de extensa pesquisa de campo que se apropriou do ponto de vista de Câmara (2005): na vasta e diversificada região amazônica, os topônimos desempenham um papel fundamental na representação e preservação da relação entre as comunidades locais e o ambiente natural. Uma constatação é a permanência da construção da identidade a partir dos nomes nos seringais e colocações, mesmo após as alterações econômicas que levaram à substituição do extrativismo do látex pelo incremento da agropecuária e de monoculturas.

Esse enunciado vai ao encontro da perspectiva de considerar esses nomes não apenas como meras nomenclaturas que identificam lugares específicos, mas como topônimos carregados de significados culturais, históricos e ambientais de Dick (1992). Dessa forma, a partir das ideias dos referidos autores, enfatiza-se uma

abordagem seguidora de alguns estudos anteriores sobre topônimos na Amazônia que têm explorado questões relacionadas à nomenclatura geográfica em geral, dignos para aproximar aportes teórico-metodológicos da geografia e da linguística, dada à genuinidade de seus recursos para análises de significados de lugares.

Autores, como, Dick (1992), propuseram modelos taxionômicos para a classificação de topônimos, enquanto outros, como, Biderman (2001) e Isquerdo (2001; 2012), investigaram a motivação e a etimologia por trás dos nomes geográficos, e ainda mais recentemente em Isquerdo e Marques (2023). Em escala mundial, autores como Blasi et al. (2016) examinaram as características geográficas das estruturas linguísticas em uma ampla variedade de idiomas. Esses exemplos indicam a variedade de abordagens e interesses dentro do estudo dos topônimos e da relação interdisciplinar entre Linguagem e Geografia. Por conseguinte, os estímulos para as nomeações foram perseguidos na leitura de publicações sobre o tema e evidenciados na pesquisa de campo. Desse fazer pesquisa, entre teoria e prática, fica latente a alta relevância da compreensão das formas de nomeação dos lugares, que reverbera na identidade dos habitantes locais.

No tocante ao campo interdisciplinar que a análise das informações adentra, o campo mais básico da investigação é relacionado a uma tradição da Geografia Clássica, prolífico quanto às questões das conexões entre a sociedade e a natureza que repercutem em maneiras que comunidades desenvolvem no cotidiano para o reconhecimento de si e dos seus assentamentos. Diante de tão abrangente aspecto da interação humana com o ambiente do seu entorno de vida, a adoção de perspectivas da Geografia voltada ao estudo do nome dos lugares se adequa com aportes da linguística, dado aos recursos metodológicos deste último campo do conhecimento para o estudo do contexto e significado das nomeações. No campo da Geografia Cultural, autores como Yi-Fu Tuan, Werther Holzer e Eduardo Marandola Jr. oferecem compreensões profundas sobre como as percepções e significados atribuídos aos lugares se refletem nas relações culturais e emocionais das sociedades com os ambientes (TUAN, 1977; HOLZER, 1999; MARANDOLA, 2007).

O que também ressalta a importância deste estudo é a proeminência da iniciativa e a chance de propiciar avanços com os recursos metodológicos utilizados. Ao relacionar as perspectivas dos autores consultados com os resultados da pesquisa de campo, foi possível verificar a persistente relação das comunidades locais com os topônimos oriundos das áreas de exploração da borracha natural.

Está posto, então, que os aspectos abordados neste estudo são fundamentais para um entendimento mais profundo da relação entre os topônimos e as comunidades locais, especialmente em contextos específicos das áreas de exploração da borracha natural no estado do Acre. Essa compreensão pode lançar luz sobre aspectos culturais, históricos e socioeconômicos importantes. Além disso, trabalhos na área da toponímia rural contribuem significativamente para a ciência da linguagem regional, uma vez que aproxima a cultura e o cotidiano das pessoas nativas da região, estabelecendo uma relação de pertencimento por meio do significado trazido pelo estudo e detalhamento de determinados topônimos.

Na realização desta pesquisa de campo, foram levantados e analisados os topônimos dos seringais e das localidades situadas nas margens do rio Macauã, no município de Sena Madureira, Acre. O rio Macauã destacou-se como um importante centro de produção de borracha natural durante os séculos XIX e XX, portanto, fundamental para a história da colonização recente do Acre. O recorte estudado abrange essa área econômica crucial, composta por 18 seringais e 71 colocações adjacentes (Figura1).

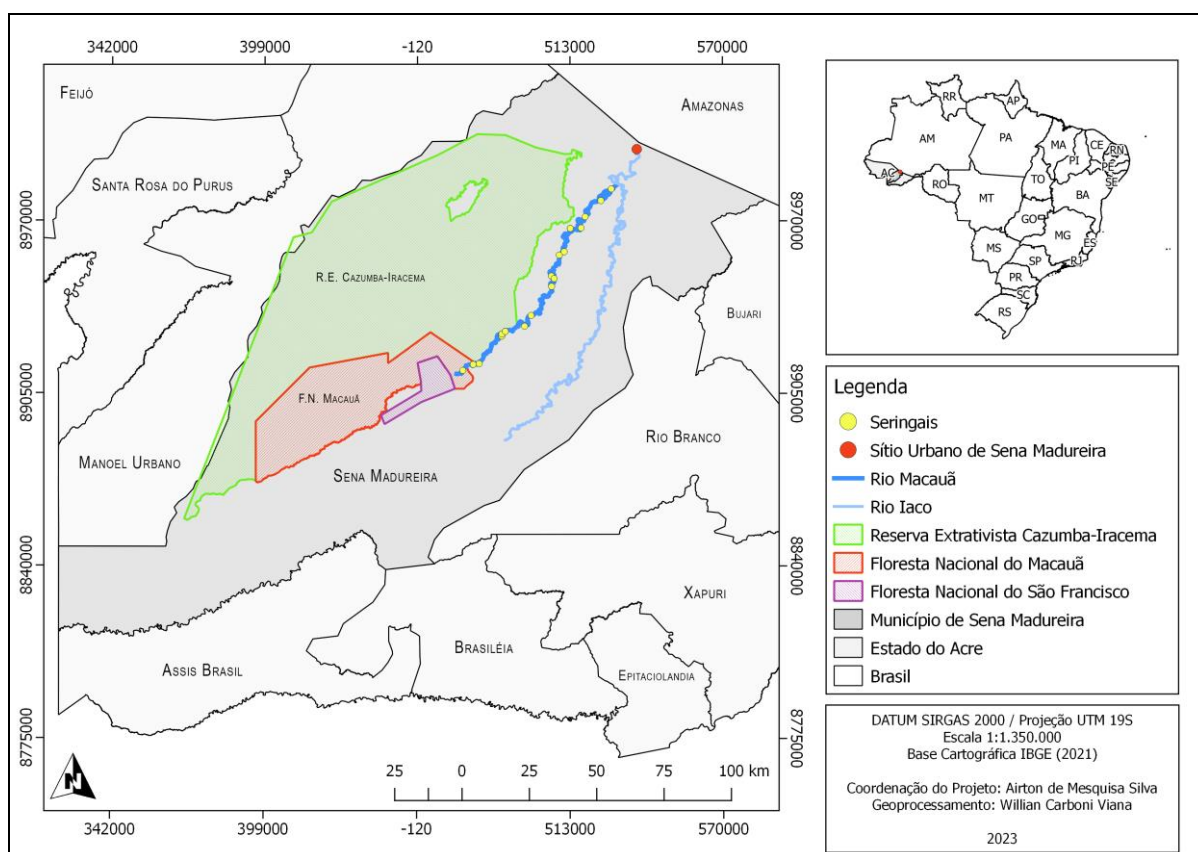


Figura 1. Mapa contextual da área de estudo. **Fonte:** Autores (2024).

O rio Macauã, afluente do rio Iaco e paralelo ao rio Caeté, delimita grande parte dos mananciais que formam a hidrografia do município de Sena Madureira. A sede de Sena Madureira está situada na margem esquerda do rio Iaco, a aproximadamente 145 km da capital, Rio Branco. O município é o mais importante da Regional do Alto Purus e, segundo dados do censo, possui uma população de 41.343 habitantes, com uma densidade demográfica de 1,74 Hab./km (IBGE, 2022).

Diante do contexto apresentado, este escrito foi estruturado em cinco seções, nomeadamente, introdução, desenvolvimento, procedimentos metodológicos, resultados e discussões e considerações finais. No desenvolvimento foram apresentadas reflexões sobre o conceito de lugar adotado e a importância dos seus topônimos para a consistência da identidade e do pertencimento. Nesse tópico,

portanto, se descrevem elementos da relação espaço-linguagem, influências culturais na escolha dos topônimos e o seu intrínseco simbolismo codificado nas nomeações, entrelaçando-os ao contexto dos movimentos populacionais para o Acre em detrimento do empreendimento da borracha natural.

Na seção de procedimentos metodológicos, descrevem-se os métodos empregados para se analisar os topônimos dos seringais, e adjacências, marginais ao rio Macauã. Nos resultados e discussão constam as análises sistematizadas e contextualizadas, indicando-se os padrões das escolhas dos nomes dos lugares, juntamente com insights sobre as relações existentes entre os topônimos e a história regional, envolta no empreendimento da borracha desde o século XIX. Por fim, nas considerações finais, se retomam alguns dos pontos mais relevantes do estudo.

DESENVOLVIMENTO

CONCEITUAÇÃO INICIAL SOBRE LUGARES E NOMEAÇÕES

O lugar, enquanto categoria de análise, corresponde a um conceito multifacetado e pensar sobre as suas concepções resulta numa tarefa complexa, notoriamente relacionada à diversidade de influências, convergindo à um conceito muito usado em ciências, como, geografia, antropologia, filosofia, história, dentre outras. Ao se refletir em torno do referido termo, emergem caminhos de estudos focados nas relações, por vezes tensas e simbióticas, entre as pessoas com a materialidade e suas implicações agências e de significação simbólica (HOLZER, 1997; 1999; STANISKI, et al., 2014; CARDOSO, et al., 2017).

O lugar é a unidade espacial onde a vida acontece, carregado de significado e experiências humanas, inerentes às noções temporais e espaciais das observações humanísticas, que permeiam as circunstâncias que fazem emergir a construção mnemônica dos mesmos. Reflete-se, no lugar, a complexidade das interações humanas com o seu ambiente de habitação (SANTOS, 1996).

Desse modo, as características do lugar, marcadas pelo conhecimento, pertencem ao processo histórico e são condicionadas pelas categorizações espaciais que um conjunto de indivíduos produz. As decisões culturais, portanto, dentro da percepção da diversidade de significados presentes na sociedade, permitem que as pessoas construam mentalmente seus lugares através da experiência cotidiana, nas deambulações do trabalho, lazer, ritualização e outros eventos comunitários.

Na perspectiva da ciência geográfica, o estudo do nome dos lugares desempenha um papel fundamental para a compreensão das relações entre espaço e linguagem, convertendo-se em campo de estudo multidisciplinar que explora a origem, o contexto e o significado das nomeações. Tradicionalmente, a Geografia Clássica consolidou, através de inúmeras pesquisas, análises das relações entre a natureza e a sociedade a partir das interações físico-naturais e das (re)distribuições populacionais gerais (CLAVAL, 2011).

No âmbito do conhecimento linguístico, a definição dos lugares ou, ainda, a identificação dos indivíduos, por meio de termos específicos, muitas vezes dispensa a necessidade de situar o objeto em um contexto concreto dentro do plano afetivo. Desse modo, o léxico de um grupo social, geralmente, reflete a escolha do topônimo, que pode estar relacionado a variados fatores, como, experiências de vida, religiosidade, local de origem, entre outras taxionomias (DICK, 1998, p. 77).

A configuração de um local emerge do nome, transformando o não-lugar em algo simbólico e ativo denominado lugar. O nome não apenas direciona as pessoas, mas também caracteriza tanto o humano quanto o animado, polarizando a atividade sociolinguística. Através da palavra lexical, detalhes e referências são construídos para indicar um todo semantizado metonimicamente (BIDERMAN, 1998; DICK, 1998; ISQUERDO, 1998; 2012; 2020).

No estudo da palavra, o conhecimento linguístico, cultural e regional está intrínseco na manifestação dos sentidos, quando são problematizados a busca pela sua origem, emprego, significado e ressignificado no contexto de seu uso. Sobre a história dos nomes dos lugares, Dick (1990) destaca que qualquer espaço físico pode ser apresentado como um repositório dos mais destacados quanto à diversidade e instigação diante da complexidade dos fatores envolventes em sua nomeação. Dick (1990, p. 19) diz ainda que diante desse quadro considerável dos elementos atenuantes, que se inter cruzam sob as formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais.

Para Michel Foucault (1999), o ato de nomear o lugar não é apenas linguístico, mas uma ação enraizada em relações de poder (através da representação verbal). Discursivamente, essa nomenclatura, que não é neutra, molda a maneira como o lugar é compreendido e discutido na sociedade. Esse posicionamento é inerente às concepções pós-modernistas, que admitem a existência do relativismo na produção do conhecimento.

Ao escolher um nome para um local, alguém busca resgatar lembranças e significados especiais, tanto para si quanto para sua comunidade. Nesse contexto, Isquerdo (1998) e Biderman (1998a; 1998b) enfatizam a importância central da palavra na formação cultural; como, em várias tradições humanas, a linguagem é considerada a palavra instituidora, que gera relações dos significados de um recinto com a expressão do ser/estar no mundo. Ademais, a intrincada teia de elementos que se entrelaçam nos nomes dos lugares oferece uma visão panorâmica das realidades regionais, desde seus aspectos naturais até suas nuances culturais (DICK, 1990, p. 19). A análise toponímica é uma forma de acessar a geografia, a cultura, a história, etc., e os sentidos de um determinado lugar.

Cada novo nome que surge, cada ampliação do léxico é um testemunho da ação humana de nomear, um reflexo da vida, da história e da identidade de uma comunidade que se manifesta através das palavras. Pelo exposto, infere-se que a ação de nomear localidades está associada a intencionalidades que se materializam na escolha de determinados topônimos pelo sujeito-nomeador. Os nomes adotados são carregados de significados, ora para a representação de traços naturais, ora

para espelhar acontecimentos político-históricos e culturais, ocorridos no decorrer do tempo em determinado local.

Por fim, e a cargo de informação, os lugares nomeados são áreas relacionadas à extração do látex em seu estado natural. O seringal corresponde a uma grande área marginal ao rio que possui função administrativa, estruturalmente hierárquica, com funcionalidades e cargos específicos; propriedade que contém um aglomerado de seringueiras em determinada extensão de terra, com estruturas construídas funcionalmente. Já a colocação, refere-se a uma pequena área dentro do seringal, onde os extratores da borracha viviam e trabalhavam; é a área que cabia a cada família extrativista, contendo habitações rodeadas pela floresta, composta por pelo menos três estradas do seringal.

A TOPONÍMIA NO CONTEXTO DO EMPREENDIMENTO DA BORRACHA NO ESTADO DO ACRE

Antes da chegada dos colonizadores, o território do estado do Acre era densamente povoado por diversas etnias indígenas. Esses povos desenvolveram sociedades complexas (VOLKER, 2017), estreitamente adaptadas aos diferentes ecossistemas amazônicos, incluindo as florestas tropicais, terras altas e áreas de várzea nas margens dos rios. Na região de Sena Madureira, por exemplo, e mais especificamente entre os rios Iaco e Purus, incluindo a sua confluência com o rio Chandless, existiam grupos populacionais das etnias Kanamari e Apurinã (NIMUENDAJÚ, 2017), pertencentes aos troncos linguísticos, Katukina e Aruak-Maipure, respectivamente (ISA, 2024a, 2024b).

Esses povos, dentre outros, passaram a ser contatados em meados do século XIX, quando habitavam cerca de 150 mil indígenas na área que hoje comporta o território do Acre (SOUZA, 2002). No âmbito do modelo primário-agroexportador, a borracha mobilizou milhares de nordestinos a partir de 1877, para servir de mão de obra na extração e processamento do látex; que além do Acre, se estendeu aos estados do Amazonas e Pará (SILVA, et al., 2010). Durante o primeiro avanço da borracha, a chegada dos colonizadores impactou as comunidades indígenas locais, incorrendo em mortalidade, massacres, desapropriações, transmissão de doenças, escravização e assimilação cultural, dentre outras situações (CARNEIRO, 2014).

O fenômeno da exportação da borracha proporcionou a expansão da colonização para a região amazônica, que tinha a produção regularmente escoada através dos rios da bacia amazônica até Belém, e dali para o mercado internacional. A exclusividade do látex na Amazônia exerceu atração sobre empresários que, apoiados no Governo, passaram a investir fortemente na produção de borracha (SILVA, et al., 2010; PONTES, 2014).

A extração da borracha consolidou-se, tornando-se um dos pilares da economia amazônica no período entre 1879 e 1912. É importante destacar que até 1903 o território do Acre pertencia à Bolívia, porém foi anexado ao Brasil, tendo, desde então, parte de suas porções apropriadas para a extração de látex (SILVA, et al.,

2010). Nessa altura, muitos dos indígenas remanescentes já estavam integrados ao extrativismo injusto do sistema de aviação, juntamente com os caucheiros - frequentemente peruanos e bolivianos, e demais seringueiros (CARNEIRO, 2014).

Durante a Segunda Guerra Mundial, entre 1942 e 1945, ocorreu o ressurgimento da demanda por borracha natural, sendo o Estado o intermediador das ações propositivas para atender aos aliados nas frentes de batalha (PONTES, 2014). Estima-se que cerca de 60.000 pessoas foram recrutadas para trabalhar nos seringais, conhecidos como “soldados da borracha”, tendo sido responsáveis pela extração da matéria-prima necessária para a fabricação de botes, calçados, pneus, bem como outros produtos e materiais derivados do látex (PEREIRA, 2014).

Diante de tal realidade cabe pensar como se deu o processo de significação do território explorado para a produção da borracha natural. Obviamente a formação cultural de diversos migrantes e nativos junto às suas novas relações são influentes nas nomeações locais. Dessa forma, é necessário relacionar os agentes, espaços e demais componentes das engrenagens da principal unidade analítica relacionada à exploração do látex.

A referida categoria espacial é o seringal, que corresponde a uma grande extensão territorial pertencente a um seringalista e localizada às margens dos rios. Para compreender as dinâmicas ambientais do seringal, faz-se necessário explorar melhor o seu funcionamento em conexão ao seu território circundante. Portanto, cabe dizer que o seringal foi sistema multifuncional, que desempenhou papel fundamental na economia e na sociedade da região. Sua estrutura envolvia habitações, instalações de armazenamento e centros de processamento, além de outras estruturas de apoio, como, escolas, por exemplo, que sustentava a vida comunitária dentro do seringal (SILVA, et al., 2010; PONTES, 2014).

A interligação territorial do seringal é evidenciada pela localização estratégica nas margens dos rios, o que não apenas facilitava o transporte de produtos, como também reflete a total dependência do sistema fluvial como meio de comunicação e circulação de mercadorias. Para os moradores do seringal, essa localidade também representava fonte de recursos para a subsistência. Deste modo, as peculiaridades de um território precisam ser reconhecidas como predominantes no caso das nomeações.

O significado do seringal como um local que preserva momentos fundamentais da vida dos indivíduos, como conquistas, perdas ou lembranças de experiências marcantes em diferentes etapas da trajetória pessoal ou coletiva, constitui um parâmetro de análise importante. Esse significado deve estar associado ao cenário desafiador da selva, uma vez que as dificuldades impostas pela natureza sempre estiveram vinculadas ao processo de nomear os lugares ocupados para a produção de borracha.

A potencialidade dessa presença em tão amplo território cria vínculos indissociáveis no cotidiano. É o que fica tácito de ser apreendido na percepção do seringal como local que não é por si único nas nomeações. É fundamental o papel dos componentes espaciais inerentes ao seu funcionamento ou subdivisões que

distinguem comunidades e sua geografia, muitas vezes, mnemonicamente ensejadas no tempo de vida dos seus agentes e demais envolvidos por relações de proximidade relativas à habitação, trabalho e/ou lazer.

A condição fulcral do espaço do seringal é a composição por várias colocações, que, por sua vez, representam as subdivisões do território do seringal, onde os trabalhadores seringueiros se instalavam com suas famílias para extrair borracha. Essas colocações adentravam cada vez mais fundo na floresta, afastando-se das margens dos rios. Dependendo do seringal, algumas colocações ficavam a uma distância considerável do barracão (centro administrativo e comercial), exigindo uma jornada de mais de dois ou três dias de caminhada (Figura 2).

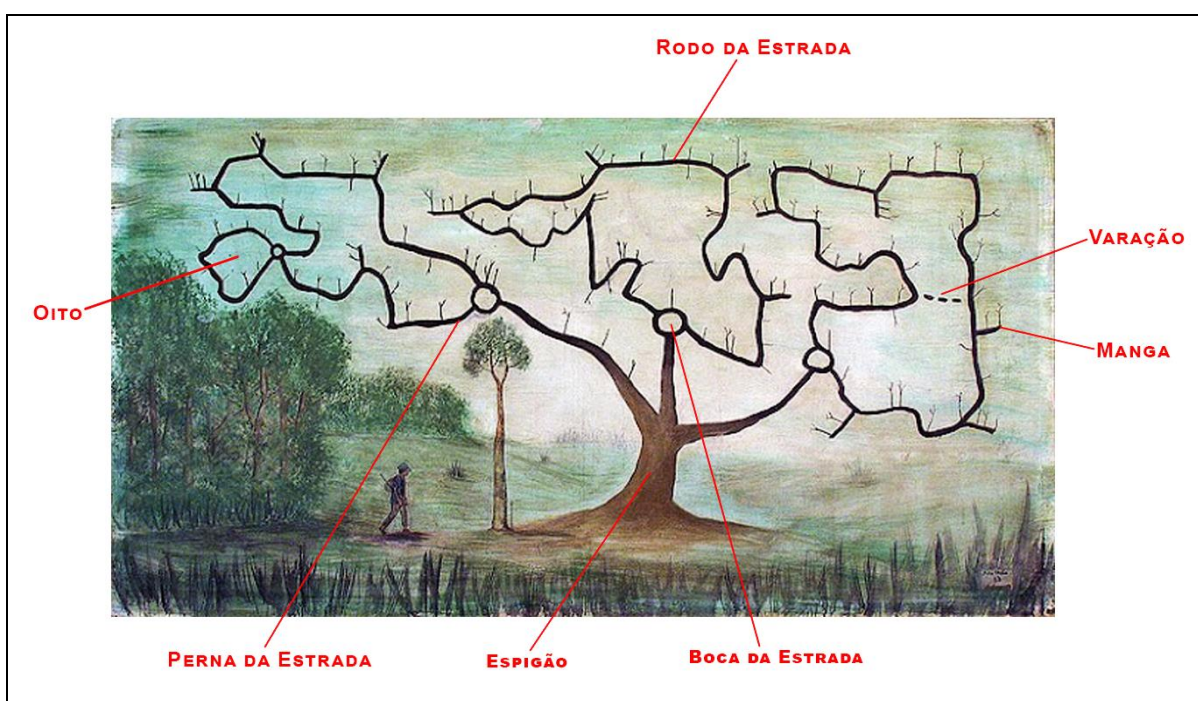


Figura 2. Pintura de Hélio Mello, feita em 1983, intitulada “Caminho do Seringueiro” (látex PVA sobre compensado), e representa a colocação de um seringal. **Fonte:** Alma Acreana (2023).

A reflexão sobre os topônimos dos seringais se beneficia da compreensão do contexto dos locais de trabalho que exerce influência constante nas nomeações locais. A implicação disso é oriunda do papel cotidiano das condições de trabalho, lida diária que depende dos longos deslocamentos e situações de aprisionamento da força de trabalho decorrentes dos principais componentes do seringal.

Um nítido exemplo é o caso do barracão na margem dos rios, local onde se armazenava e se comprava a borracha, e onde o seringalista fornecia equipamentos, armas, munição, remédios etc. para os seringueiros, em um sistema de aviamento, como explica Silva, et al., (2010, p. 77):

Os seringalistas conservavam um regime extremamente intransigente sobre os trabalhadores, os quais só alcançavam o 'direito' de exploração dos seringais após adquirirem os adiantamentos com mantimentos estritamente por intermédio de seus patrões, além do comprometimento de entrega de toda a produção, exclusivamente, ao patrão que lhe ofereceu o aviamento (SILVA, 2010, p. 77).

O barracão, ao ser o lugar das oportunidades, que centralizava a participação de muitos agentes e garantia a iniciativa na lida pelo fornecimento dos insumos básicos à vida, também aprisionava os ganhos dos seringueiros, o que acontece em muitos outros territórios apropriados pelo extrativismo (para exemplo, ver Pacheco, 2023). Dessa forma, no barracão eram desempenhadas relações de poder cruciais do seringal, guardando importantes momentos da vida dos seringueiros. Diante da intrínseca presença de tal estrutura de poder é bastante plausível que designações tenham surgido de sua visibilidade na paisagem dos trabalhadores (Figura 3).

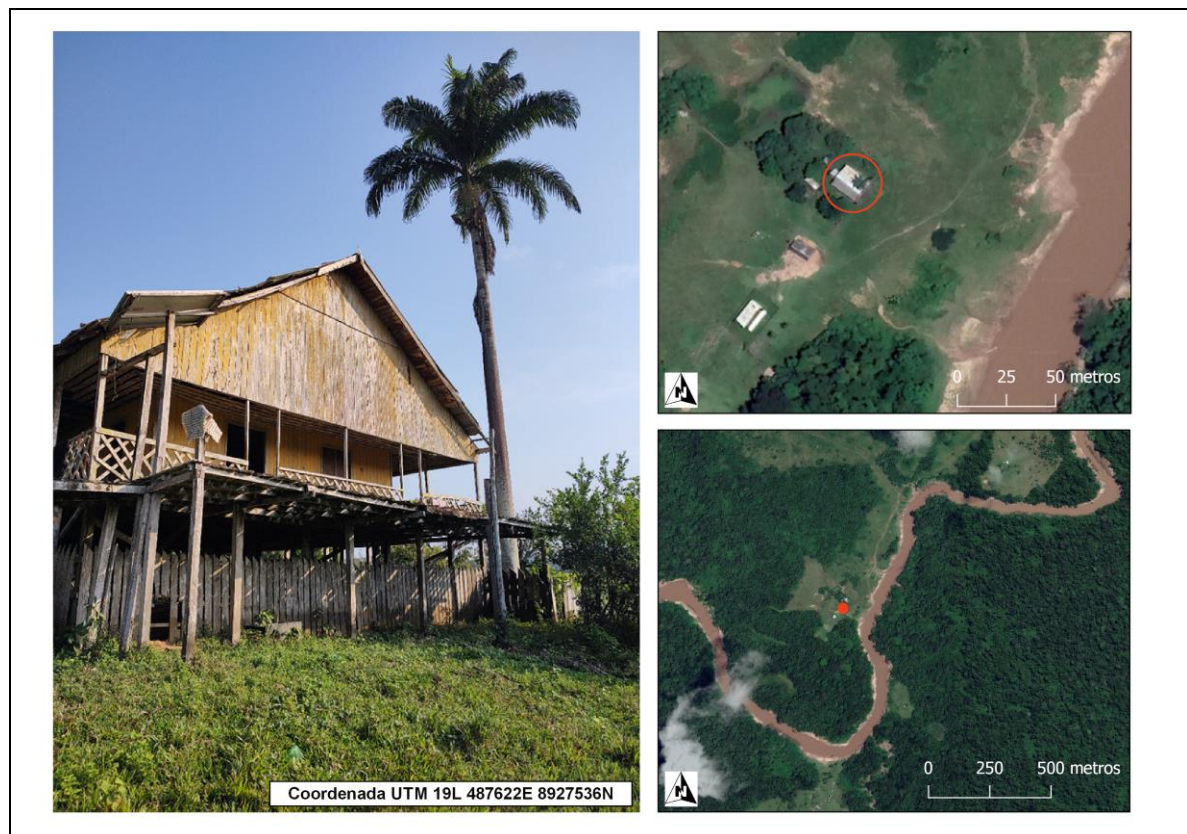


Figura 3. Barracão do seringal Cachoeira, de frente para a margem esquerda do rio Macauã, situado na coordenada UTM 19L 487622E 8927536N. **Fonte:** Autores (2023).

Euclides da Cunha, em sua obra "Amazônia: um Paraíso Perdido" (1909, p. 231), faz referência ao local da extração da borracha, e suas adjacências, como um lugar de grandes dimensões, ao descrever que um seringal médio tenha 300 estradas e possa cobrir uma área de cerca de 20 léguas quadradas.

E ainda retrata que:

A abertura de um seringal, no Purus, é uma tarefa inacessível ao mais habilidoso agrimensor [...] a unidade não é o metro - é a seringueira; e como, em geral, 100 árvores, espaçadas de maneira irregular, formam uma 'estrada'. O guia florestal procura por essas árvores e cria trilhas para conectá-las, formando uma espécie de círculo no coração da floresta (CUNHA, 1909, p. 231).

O que fica evidente dessa dimensão é a necessidade do trabalho de tantos seringueiros e a demasiada fluidez com as situações do trabalho que as nomeações teriam para estar presente no cotidiano dos seus envolvidos. O agente de maior presença na trajetória das nomeações do seringal é o seringueiro, trabalhador diretamente envolvido no corte das árvores, coleta e preparo, o que seria feito por meio de defumação e, mais tarde, vulcanização do látex em seu estado natural.

Na outra ponta das relações de trabalho e poder está o seringalista, patrão-proprietário, que detém as terras, espaço de trabalho e tempo dos trabalhadores. Além do seringueiro e do seringalista, outros agentes que estavam envolvidos diretamente no processo de produção da borracha eram os comboieiros, gerentes, guarda-livros, mateiros, caçadores, operadores de navios e regatões, parteiras e curandeiros (Tabela 1).

Tabela 1. Principais agentes envolvidos na produção da borracha natural.

AGENTE	DESCRIÇÃO
SERINGALISTA	Proprietário do seringal
EXTRATOR (CORTADOR, SERINGUEIRO, CAUCHEIRO) SERINGUEIRO	Trabalhador que atua diretamente no corte das árvores (seringas). O seringueiro também é descrito como qualquer pessoa envolvida no empreendimento da borracha.
COMBOIEIRO	Transportavam, via terrestre, mercadorias para o barracão e levava a borracha da colocação para o barracão.
GERENTES	Eram os administradores do barracão e do seringal (fazia as contas e anotações referentes as compras e vendas dos seringueiros, se tinha direito a compra de mulheres ou não etc.). Era o controlador. Responsável pelas anotações, responsável pela contabilidade, braço direito do administrador.
GUARDA LIVRO	Pessoas que conheciam a floresta, responsáveis por abrir as estradas de seringas nas colocações.
MATEIROS	Responsável pela caça para alimentação do barracão.
CAÇADORES	Fazia a ponte de transporte entre o barracão e as casas aviadoras/exportadoras de borracha em Manaus e Belém.
OPERADORES DE NAVIOS, CHATAS E/OU GAIOLAS	Comerciante clandestino, vendedor ambulante do rio, vendia mercadoria mais barata que o patrão e comprava a borracha a preços mais caros, por isso era odiado pelo seringalista e, muitas vezes proibido de viajar pelos rios.
REGATÃO	Faziam os partos das mulheres.
PARTEIRAS	Rezavam, benziam etc.
CURANDEIROS	

Fonte: Autores (2024).

No estado do Acre, e para o caso em estudo, os seringais representaram o crescimento econômico da época, mas que retrata um circuito produtivo bem delimitado e um círculo social semifechado que não deve permitir ascensão social. A pouca mobilidade entre as classes perpetuou a estratificação, onde o migrante pobre do Nordeste, o descendente indígena e de outros subjugados, por exemplo, continuaram na pobreza. Por outro lado, no âmbito dos movimentos migratórios gerais, há a riqueza cultural que identifica a população acreana, formada pela descendência miscigenada de indígenas, negros, europeus, nordestinos, sulistas e outros grupos da América do Sul, como, Peru, Bolívia e Colômbia.

O município de Sena Madureira, fundado em 25 de Setembro de 1904, converge à exemplo disso, quando o seu núcleo urbano foi criado organicamente a partir do seringal Santa Fé, que data do século XIX. Diante desta realidade surgiram os topônimos tratados neste trabalho, resultantes de um processo de nomeação que ocorreu em detrimento do estabelecimento da borracha em Sena Madureira, e nas margens do rio Macauã.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada neste estudo de caso foi baseada nos pressupostos teórico-metodológicos da toponímia extensiva, com o objetivo de analisar as denominações toponímicas dos seringais e suas colocações, por meio de uma abordagem que contemplou elementos quantitativos e qualitativos (SANTOS; PARRA FILHO, 2011).

A identificação dos topônimos dos seringais e colocações do rio Macauã começaram a ser levantados através de fontes secundárias de pesquisa, tais como mapas, registros históricos e documentos oficiais disponíveis, o que foi complementado com o método rádio *listening* de aquisição de dados e informações.

Nesse procedimento metodológico de rádio *listening*, os pesquisadores coletam e analisam as informações transmitidas por estações de rádio, como, notícias, debates, programas de entrevistas, culturais e outros conteúdos; ouve-se atentamente programas de rádio para identificar conteúdos pertinentes a pesquisa (MCDONALD, 2014; PAVARINI, 2018).

Para essa pesquisa, escutou-se o Programa de Mensagens local da Rádio Difusora de Sena Madureira, integrada ao sistema público, que vai ao ar diariamente entre 13 e 14 horas. Nesse programa, os moradores escrevem recados para que o radialista passe ao vivo aos endereçados no interior do município. As mensagens são escritas à mão livre e deixadas nas dependências físicas da Rádio Difusora, para que sejam transmitidas aos interessados ao preço de um Real por cada repetição (por exemplo, se uma mesma mensagem for repetida 3 vezes, paga-se 3 Reais), sendo, geralmente, para familiares, amigos, alunos etc.

As mensagens foram coletadas entre Janeiro de 2019 e Junho de 2023, contabilizando pouco mais de 1.800 horas. Todas as mensagens que faziam menções aos seringais e colocações das intermediações do rio Macauã foram

agrupadas, gerando a maior parte dos topônimos dos seringais e das colocações que suportaram o levantamento em campo.

A Rádio Difusora de Sena Madureira, fundada em 1980, possui abrangência ampla, chegando em todo o meio rural de Sena Madureira; alcançando trabalhadores de projetos de assentamento, ribeirinhos, camponeses e seringueiros, sobretudo de localidades remotas, sem rede de telefonia e/ou serviço de internet (Figura 4).

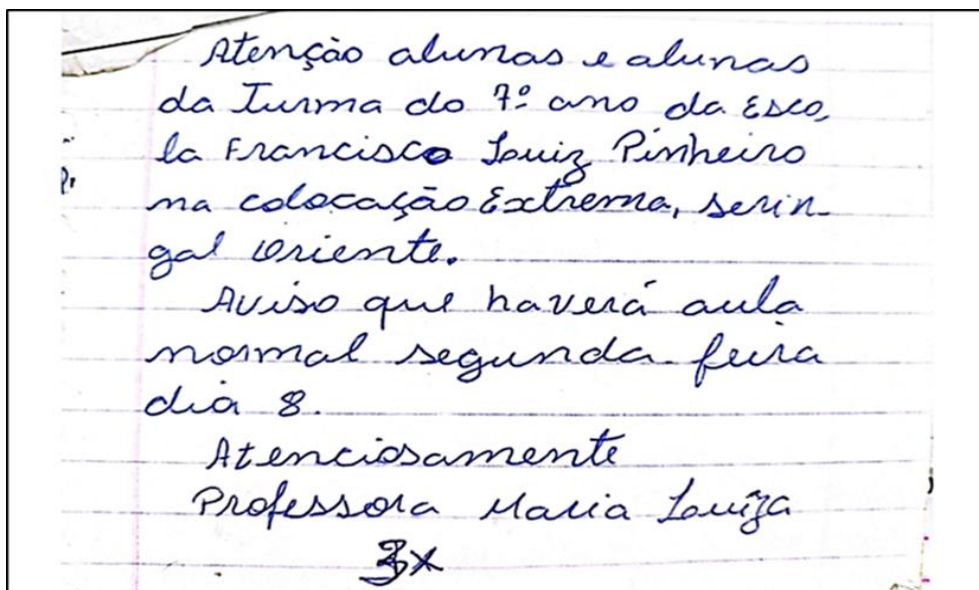


Figura 4. Mensagem de uma professora da cidade de Sena Madureira para seus alunos da colocação Extrema no seringal Oriente, com três repetições durante o programa de mensagens.

Fonte: Rádio Difusora de Sena Madureira (2023).

Os trabalhos de reconhecimento de campo ocorreram de 14 a 16 de Setembro de 2023, sendo percorridos cerca de 192 km desde o seringal Estrela, na foz do rio Macauã, até o seringal São Francisco, próximo da nascente desse curso d'água. Em campo, a equipe contou com um morador local como guia, o Sr. Altino Bezerra Chaves, nascido em 1941, e com diálogos com moradores para fins de levantamento de dados. Foram visitados todos os seringais situados nas margens esquerda do rio Macauã, sendo que o mapeamento foi realizado por meio de um aparelho receptor de sinal de GPS Garmin Etrex 30.

Por enquadramento, optou-se pela utilização do modelo taxionômico descrito por Dick (1992, p. 31), que sugere a classificação em duas categorias principais para os nomes: 1) os relacionados com características físicas; 2) os relacionados com elementos culturais e humanos. Cada uma dessas categorias foi agrupada de acordo com o elemento, ou ideia, que provavelmente influenciou a escolha do nome. Nesse sentido, o sistema de classificação foi dado em 27 categorias, sendo 11 de origem física e 16 antropoculturais (na Tabela 2 foram utilizados como exemplo os topônimos levantados na área de estudo).

Tabela 2. Taxionomia dos seringais e colocações conforme a proposta de classificação de Dick (1992), com exemplos dos topônimos catalogados no rio Macauã pelos autores.

TAXIONOMIA DE NATUREZA FÍSICA			
N.	CATEGORIA	MOTIVAÇÃO	TOPÔNIMO EXEMPLO
1	Astrotopônimos	Corpos celestes	Colocações Lua Nova e Estrela
2	Cardinotopônimos	Posições geográficas	Seringal Oriente e colocação Extrema
3	Cromotopônimos	Cores, escala, monocromática	- ausente na área de estudo
4	Dimensiotopônimos	Dimensões, extensão, largura, altura, profundidade	- ausente na área de estudo
5	Fitotopônimos	Vegetação	Colocações Castanheira e Mangueira
6	Geomorfotopônimos	Formas topográficas	Colocação Terra Alta
7	Hidrotopônimos	Hidrografia	Seringais cachoeira e Riozinho
8	Litotopônimos	Itens minerais e aspetos relativos ao solo	Colocações Torrão Queimado e Queimada
9	Meteorotopônimos	Fenômenos atmosféricos	Colocação Saco do Vento
10	Morfotopônimos	Formas genéricas	Colocação Garantido
11	Zootopônimos	Animais	Colocação Cachorra Magra e Tamanduá
TAXIONOMIA DE NATUREZA ANTROPOCULTURAL			
1	Animotopônimos	Vida psíquica, cultural e espiritual	Colocações Graças a Deus e Esperança Colocações Chico Preto e Mané Preto
2	Antropotopônimos	Nomes próprios individuais, sobrenomes e apelidos	
3	Axiotopônimos	Títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais	- ausente na área de estudo
4	Corotopônimos	Nomes de cidades, estados, países, regiões, continentes	Colocações Bahia e Caicó
5	Cronotopônimos	Indicadores cronológicos, representados pelos adjetivos novo, nova, velho, velha	Colocações Vila Nova e Morada Nova
6	Ecotopônimos	Tipos de habitações	Colocação Maloca
7	Ergotopônimos	Objetos, cultural material	Colocação Panela
8	Etnotopônimos	Indicadores étnicos	- ausente na área de estudo
9	Dirrematotopônimos	Nomes constituídos por frases ou enunciados linguísticos	Colocações Pouca Demora e Deixa Rolar
10	Hierotopônimos	Entidades ou temas sagrados de diferentes crenças	Seringais São Bento e Santa Joana
11	Historiotopônimos	Movimentos históricos, seus membros e datas correspondentes	- ausente na área de estudo
12	Hodotopônimos	Vias de comunicação rural ou urbana	- ausente na área de estudo
13	Numerotopônimos	Numerais	- ausente na área de estudo
14	Poliotopônimos	Nomes constituídos pelos vocábulos: vila, aldeia, povoação, arraial	Colocação Cafundó
15	Sociotopônimos	Atividades profissionais, locais de trabalho e pontos de encontro dos membros de uma comunidade	Colocação Barracãozinho
16	Somatopônimos	Nomes empregados em relação metafórica a partes de um corpo humano ou animal	- ausente na área de estudo

Fonte: Adaptado de Dick (1992).

A classificação da Dick (1992) é importante porque fornece uma estrutura abrangente e flexível para a análise dos topônimos. Ela permite que os pesquisadores classifiquem as nomeações de acordo com uma variedade de critérios, incluindo natureza, origem e função. O que faz sentido para o proposto neste estudo sobre os topônimos do rio Macauã.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados contemplam a existência de 18 seringais e cerca de 71 colocações, que foram analisadas de acordo com a taxionomia descrita por Dick (1992). Esse recorte não representa a totalidade dos seringais e colocações, mas aqueles situados nas ribeiras marginais ao rio Macauã (Tabela 3).

Tabela 3. Seringais e suas respectivas colocações pertencentes, sequenciados desde a sede de Sena Madureira à cabeceira do rio Macauã.

SERINGAL	COLOCAÇÕES
SÃO BENTO	Pouca Demora, Araripe, Bate-Bico, Salgado e Jaburu
LIBERDADE	Limoeiro, Igarapé da Anja, Liberdade, Engazeira e Barracãozinho
VALÊNCIA	São José de Cima e São José de Baixo
PROVIDÊNCIA	Queimada, Caverna, Perigoso de Cima, Perigoso de Baixo, Paciência e Mel
ESPERANÇA	Cachoeira, Tamanduá, Saco do Vento, Extrema e Torrão Queimado
CAPITAL	Morada Nova, Extrema, Panela, Bom Jardim e Bahia
ORIENTE	Lua Nova, Sol Nascente, Extrema, Alvoredos, Vila Nova, Jacareúba, Estrela, Estrelinha e Garantido
SANTA JOANA	Engazeira e Poção
REPOUSO	Limeira e Esperança
APUÍ	Esperança
TRIUNFO	Mangueira e Viva Deus
SANTA LUZIA	Cachorra Magra, Validade, Toau e Boca do Mel
CACHOEIRA	Cafundó, Vertente, Portão e Extrema
SÃO JOSÉ	Soledade, Cala a Boca, Chico Preto e Caicó
RIOZINHO	Esperança, Terra Alta e Apuí
APITO	Castanheira
SÃO SEBASTIÃO	Anjo, Cocaraú, Mané Preto, Volta Grande, São Francisco do Sertão e São Francisco Velho
SÃO FRANCISCO	Engazeira, Poção, Santa Rosa, Leão de Ouro, Poço e Monte Rico

Fonte: Autores (2024).

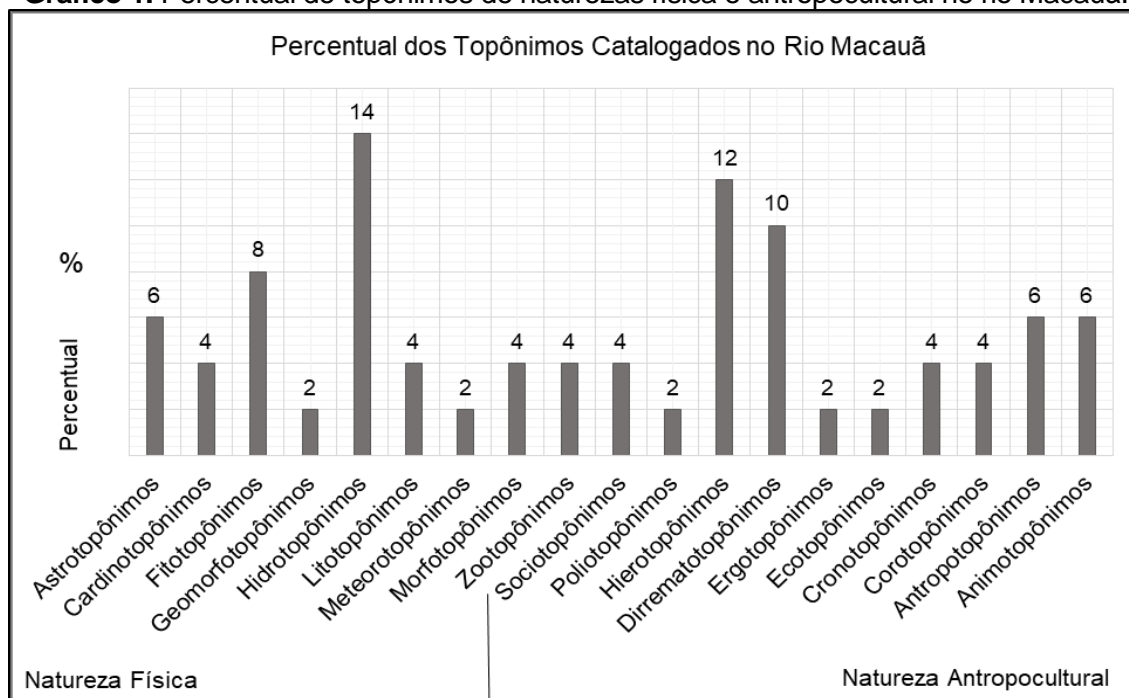
Verificando pelos aspectos mais íntimos com a natureza é possível perceber a diversidade de referências com o ambiente e o local. Ora, bastante coerente com peculiaridades da relação dos habitantes com o ambiente local.

No que diz respeito à quantidade de topônimos estudados, nota-se que a distribuição é composta por 48% de nomes de natureza física e 52% antropocultural.

O que pode ser explicado por diversos fatores, como, pela interligação ou combinação entre os elementos da natureza e da cultura.

Em relação ao percentual de topônimos de natureza física, verifica-se que a maior parte deles são hidrotopônimos, com nomes, como, por exemplo, os seringais Riozinho e Cachoeira e as colocações Cachoeira, Olho D'Água, Vertente e Poço. Em relação as nomeações de natureza antropocultural, pode-se observar a predominância de hierotopônimos, o que demonstra o vínculo religioso das pessoas que viveram/vivem nos seringais e colocações; designadamente, os seringais São Bento, Santa Joana, Santa Luzia, São José, São Sebastião e São Francisco. O segundo segmento toponímico mais utilizado é classificado como dirrematopônimo, com frases ou enunciados linguísticos, que é o caso, por exemplo, das colocações Pouca Demora, Deixa Rolar, Perigoso de Cima, Perigoso de Baixo e Volta Grande (Gráfico 1).

Gráfico 1. Percentual de topônimos de naturezas física e antropocultural no rio Macauã.



Fonte: Autores (2024).

Esses nomes dados aos seringais e colocações são icônicos, carregam a origem histórica e pessoal daqueles que os nomearam, e acessando estas palavras são descortinados aspectos importantes desses lugares, que hoje são de consciência histórica e cultural, nomeados em um contexto histórico e social específico. É importante destacar que os seringais eram abertos às margens dos rios e igarapés, para facilitar o escoamento da produção, o que exercia influência sobre as nomeações de natureza física dos lugares. Nesse sentido, pode-se dizer que os topônimos de natureza física desempenham papel importante na escolha dos nomes dos lugares nessa região.

Os hidrotônimos são os topônimos de origem física mais comuns, representando cerca de um terço de todos os topônimos de natureza física. Isso não é surpreendente, pois o rio Macauã é um importante rio da Amazônia Ocidental, e a sua presença é marcante na paisagem da região. Por exemplo, são encontrados o seringal Riozinho e a colocação Cachoeira.

Os fitotônimos, que são topônimos de origem botânica, são relativamente comuns, como, o seringal Castanheira e a colocação Mangueira. Os astrotônimos, são menos comuns, dentre os topônimos de natureza física; porém refletem a importância do céu noturno. Nesse estudo, como exemplo, mencionam-se o seringal Estrela e a colocação Lua Nova.

Sobre os topônimos de natureza antropocultural, destacam-se as referências aos santos de devoção, hierotônimos, daqueles que nomeavam os lugares, ou ainda em agradecimento à alguma graça recebida por determinada santidade. Indicam, sobretudo, a frequência em expressar crenças, valores e identidades de um corpo social. Nas margens do rio Macauã encontram-se, dentre outros, o seringal São Bento e a colocação Santa Joana.

A predominância de topônimos de origem religiosa é atestada em diversas pesquisas. Dick (1990), por exemplo, estudou os nomes em São Paulo, enquanto Isquerdo (1995) e Biderman (1998) analisaram as nomeações na Amazônia. Além disso, Santos e Isquerdo (2012) e Ribeiro e Isquerdo (2013) investigaram a motivação e a etimologia dos topônimos de origem religiosa. Nos casos aludidos, sobretudo se destacam os topônimos latinos, de natureza antropocultural, e que refletem a imagem do Ocidente cristão transportado da Europa para o Brasil.

Em acréscimo, outra classe de natureza antropocultural bastante utilizada nas nomeações dos lugares eram os dirrematônimos, constituídos por frases ou enunciados linguísticos, como, por exemplo, pouca demora, deixa rolar, que remete à eventuais situações da reprodução da vida em uma comunidade, e representam ainda a criatividade e a imaginação.

Em caráter amplo, os topônimos físicos refletem a natureza para a vida humana, bem como a riqueza e diversidade do mundo natural circundante às comunidades, demonstra a dinâmica única dos seringais, como unidades espaciais multifuncionais conectadas estrategicamente às margens dos rios, situando a dependência das pessoas ao sistema fluvial. Representa a extensão territorial e, ainda, as possibilidades de reprodução social e de vida, de onde complementavam o sustento. As nomeações de natureza antropocultural, por sua vez, retratam a importância da cultura ao corpo social.

Deste modo, ao analisar 18 seringais e 71 colocações anexas, este estudo sugere que a presença de nomes relacionados à hidrografia, vegetação e elementos sagrados é predominante na região estudada.

Nos rios que banham o Estado do Acre há seringais e colocações marginais, nomeados desde o século XIX, início da ocupação e exploração da região, passando pelos auge e decadência da borracha, culminando no avanço das

monoculturas e da pecuária de larga escala a partir de 1970, perdurando até os dias atuais.

As nomeações dos lugares, seringais e colocações, ao longo do rio Macauã, consolidaram um legado cultural profundamente enraizado. Mesmo com a substituição dos seringais por fazendas, empreendimentos agropecuários e/ou de monoculturas ou ainda da sua conversão às áreas de projetos de assentamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), os topônimos permaneceram imutáveis. O que ilustra a continuidade e a resiliência da identidade local diante das constantes metamorfoses socioeconômicas, mas com símbolos codificados e reconhecíveis por todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo contribuiu para o conhecimento e a divulgação dos topônimos de seringais e colocações, como lugares geradores de consciência e identidade cultural, sobretudo nas margens do rio Macauã.

Os seringais e colocações deste rio, compõem lugares que se convertem às paisagens que ainda situam as pessoas, mesmo aqueles que tiveram suas funcionalidades substituídas. O barracão é um exemplo evidente disso, por sua circunscrição na paisagem do seringal, não apenas como o espaço da compra dos mantimentos mais básicos da lida diária. Mas também, como um lugar fulcral da vinculação dos deveres dos seringueiros para com os seringalistas, portanto, sempre presente nas elucubrações cotidianas tão importantes aos estalos vindos da mente para dar nome e significado aos locais de trabalho. Os topônimos são peças-chaves dos mosaicos identitários, pertencentes a porção do espaço geográfico que é transformada em lugar pelo corpo social; fundamentais para o entendimento das nuances territoriais e sua relação com a sociedade que o moldou.

Em última análise, esse estudo destaca a importância dos topônimos como elementos essenciais na construção da identidade cultural e na compreensão das relações entre sociedade e espaço geográfico. Os seringais e as colocações, ao longo do rio Macauã, não são apenas locais físicos, mas testemunhos vivos da história e das práticas culturais da região. Os nomes atribuídos a esses lugares não apenas identificam pontos locacionais no mapa, mas carregam memórias, costumes, tradições e tantas outras conexões humanas com o seu entorno de vida.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos trabalhadores seringueiros de Sena Madureira, ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - Ifac/CSM, a Rádio Difusora de Sena Madureira, ao Professor Diones Assis Salla, a Diretora Heliane Torres da Silva e ao Senhor Altino Bezerra Chaves.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Concepção: Airton de Mesquita Silva. **Metodologia:** Airton de Mesquita Silva, Willian Carboni Viana e Luiz Antônio Pacheco Queiroz. **Pesquisa:** Airton de Mesquita Silva, Luiz Antônio Pacheco Queiroz, Eduardo Pinheiro Junior, Rafaela da Silva de Lima, Willian Carboni Viana e Ana Claudia Rocha Campos. **Recursos:** Airton de Mesquita Silva, Ana Claudia Rocha Campos, Rafaela da Silva de Lima, Willian Carboni Viana e Eduardo Pinheiro Junior. **Preparação de dados:** Airton de Mesquita Silva, Willian Carboni Viana, Luiz Antonio Pacheco Queiroz e Eduardo Pinheiro Junior. **Escrita do artigo:** Airton de Mesquita Silva, Luiz Antonio Pacheco Queiroz, Willian Carboni Viana, Ana Claudia Rocha Campos e Rafaela da Silva de Lima. **Revisão:** Willian Carboni Viana, Airton de Mesquita Silva e Luiz Antônio Pacheco Queiroz. **Supervisão:** Airton de Mesquita Silva. **Aquisição de financiamento:** Airton de Mesquita Silva, Ana Claudia Rocha Campos, Rafaela da Silva de Lima, Eduardo Pinheiro Junior e Willian Carboni Viana. Todos os autores leram e concordaram com a versão publicada do manuscrito.

REFERÊNCIAS

- BIDERMAN, M. T. C. **Filologia e Linguística Portuguesa:** dimensões da palavra. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.
- BLASI, D.; WICHMANN, S.; HAMMARSTRÖM, H.; STADLER, P. F.; CHRISTIANSEN, M. H. Spatial distributions of language structures in the world's languages: a comprehensive study. **Royal Society Open Science**, United Kingdom, v. 3, nº 10, p. 160-695, 2016.
- CARDOSO, D.; CURA, S.; VIANA, W.; QUEIROZ, L.; COSTA, M. Espacialidades e ressonâncias do patrimônio cultural: reflexões sobre identidade e pertencimento. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)**, Porto, n.º 11, p. 83-98, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.17127/got/2017.11.004>.
- CÂMARA, J. G. **Nomes geográficos indígenas no Brasil:** Um estudo linguístico. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2005.
- CARNEIRO, E. de A. **A fundação do Acre: um estudo sobre comemorações cívicas e abusos da história.** São Paulo. 2014. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.
- CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- CUNHA, E. da. **Amazônia: um paraíso perdido.** Rio de Janeiro: Laemmert, 382 p., 1909.
- DICK, M. V. P. Toponímia e imigração no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v. 29, p. 83-92, 1988. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i29p83-92>.
- DICK, M. V. P. **A motivação toponímica e a realidade brasileira.** São Paulo: Arquivo do estado de São Paulo, 1990.
- DICK, M. V. P. **Toponímia e antroponímia no Brasil.** Coletânea de estudos. São Paulo: Gráfica da FFLCH/USP, 1992.
- FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano II, nº 3, p. 77-85, jul./dez. 1997.

HOLZER, W. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano IV, nº 7, 1-20, 1999.

IBGE. **Recenseamento 2022**. Disponível em: <ibge.cidades.gov.br>. Acesso em: 15.11.2023.

ISA. **Povos indígenas no Brasil: Kanamari**. Instituto Socioambiental, 2024a. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kanamari>>. Acesso em: 14.02.2024.

ISA. **Povos indígenas no Brasil: Apurinã**. Instituto Socioambiental, 2024b. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Apurin%C3%A3>>. Acesso em: 14.02.2024.

ISQUERDO, A. N. Manifestações mágico-religiosas num léxico regional. In: **XLIV Seminário do GEL**, 1995, Taubaté. XLIV Seminário do GEL - Programação e Resumos, 1995. p. 118-119.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: ISQUERDO, A.N.; OLIVEIRA, A.M.P.P.de. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v.1. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

ISQUERDO, A. N. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. (Orgs.). **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**, v. VI. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2012, p. 115-140.

ISQUERDO, A. N.; MARQUES, E. A. (Org.). **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 1a. ed. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 522 p., 2023.

MCDONALD, R. Radio Listening as Ethnography: the case of listening to democracy now! **American Journal of Cultural Sociology**, U.S.A., nº 2, p. 233-253, 2014.

MARANDOLA, E. J. **Toponímia e Cultura: A Construção do Espaço e do Lugar**. São Carlos: Editora Universidade Federal de São Carlos, 2007.

NIMUENDAJÚ, C. **Mapa Etno-Histórico do Brasil e regiões adjacentes [1943, 1944]**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2017.

PACHECO, L. **Os significados das paisagens que criamos com os garimpos**. Curitiba: Editora CRV, 2023.

PAIVA, F. P.; ISQUERDO, A. N. O reflexo do meio ambiente na formação do vocabulário: um estudo no campo léxico dos acidentes geográficos. **Revista Científica** (Campo Grande), Campo Grande, v. 6-10, n.1-2, p. 25-29, 2003.

PAVARINI, G. Radio listening as a research methodology: a perspective from India. **Radio Journal: International Studies in Broadcast & Audio Media**, United Kingdom, v. 16, p. 81-96, 2018.

PEREIRA, G. L. Soldados da borracha: esquecidos ou não lembrados? **Revista Margens Interdisciplinar**, Abaetetuba, v. 8, n. 11, p. 199-217, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v8i11.3250>.

PONTES, C. J. O primeiro ciclo da borracha no Acre: da formação dos seringais ao grande colapso. **South American Journal of Basic, Technical and Technological**, Rio Branco, nº 1, p. 107-123, 2014.

RIBEIRO, P. N.; ISQUERDO, A. N. Motivação religiosa na toponímia sul-mato-grossense: análise de designativos de acidentes humanos. In: XXI Seminário do CELLIP, 2013, Paranaguá - PR. **Anais do XXI Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná**. Paranaguá: CELLIP, 2013. v. 1. p. 2715-2728.

SANTOS, A. C. C.; ISQUERDO, A. N. A religiosidade na toponímia do Oeste Paranaense: primeiras reflexões. In: II CIDS - Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística, 2012, Belém - PA. **Anais do II Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística**. São Luís: EDUFMA, 2012. p. 388-399.

SANTOS, J. A.; PARRA FILHO, D. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora Cengage Learning, 251 p., 2011.

SANTOS, M. O lugar: encontrando o futuro. **RUA - Revista de Urbanismo e Arquitetura**, Salvador, nº 6, p. 34-39, 1996.

SILVA, A. A.; SILVA, A. C. de; PAULA, J. M. de; SILVA, J. V. C.; SOUSA, L. F. O processo de des(re)territorialização dos trabalhadores nordestinos no território amazônico durante os ciclos da borracha. **Revista Geografar**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 61-82, 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/geografar.v5i1.17782>.

SOUZA, C. A. A. **História do Acre: novos temas, novas abordagens**. Rio Branco: Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos, da Cultura e do Desporto, 2002.

STANISKI, A.; KUNDLATSCH, C. A.; PIREHOWSKI, D. O conceito de lugar e suas diferentes abordagens. **Revista Perspectiva Geográfica**, Marechal Cândido Rondon, v. 9, nº 11, 2014.

VOLKER, C. B. Figurações dos indígenas em à margem da história. **Crítica Cultural - Critic**, Palhoça, v. 12, nº 1, p. 71-86, jan./jun. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.1201201771-86>.



Revista Geonorte, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Amazonas. Manaus-Brasil. Obra licenciada sob Creative Commons Atribuição 3.0